



Um caminho sustentável para o pós-crise

POR FERNANDO ALMEIDA
PRESIDENTE-EXECUTIVO DO GRUPO EMPRESARIAL
BRASILEIRO DELO O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Os efeitos e desdobramentos da crise financeira global ainda não se esgotaram. Em maior ou menor escala, dependendo das peculiaridades de cada área do planeta, permanecem afetando a vida de milhões de pessoas, seja pelo corte concreto do fluxo de capital na economia ou mesmo por razões de ordem psicossocial.

A crise nos leva a um dilema. Sabemos por um lado que o cenário negativo que ainda estamos vivendo é reflexo de um modelo de desenvolvimento predador e insustentável, tanto do ponto de vista econômico como social e ambiental. Por outro lado, temos a certeza de que o mundo não será o mesmo. Precisa encontrar um novo caminho para reencontrar a rota do crescimento.

E o dilema nos leva a uma pergunta: qual o caminho que devemos escolher para garantir a sobrevivência das pessoas, dos negócios e dos ameaçados recursos naturais?

A nova liderança nos Estados Unidos já sinaliza que pretende promover mudanças estruturais importantes. Vale citar dois exemplos: condicionar a ajuda a empresas e instituições financeiras americanas em dificuldade a uma reestruturação do modelo de negócios e a disposição de investir em matriz energética mais limpa.

Lord Stern, uma das maiores referências mundiais em economia e mudança do clima, fez uma análise muito interessante sobre essa nova tendência. Dentro do pacote de estímulos para superar a crise, os investimentos verdes do governo chinês atingiram 34% do volume total de recursos de US\$ 582 bilhões, e a Coreia do Sul, em iniciativa mais ousada, já investiu na linha verde 69% do total de US\$ 38 bilhões.

Embora em intensidade menor se comparado com os principais núcleos do

Sabemos que o cenário negativo que ainda estamos vivendo é reflexo de um modelo de desenvolvimento predador e insustentável.

capitalismo mundial, o Brasil também foi drasticamente afetado pela crise. Perdeu significativas fatias no comércio exterior e registrou queda drástica de emprego e renda num espaço de tempo de seis meses.

Para vencer a crise, temos apostado,



Cristina Lavanda

com boa dose de razão, na força do seu mercado interno, que pôde ser medida durante 2008 pelos 160 milhões de consumidores das classes C, D e E que movimentaram mais de R\$ 550 bilhões. Mas devemos valorizar com a mesma ênfase seus ativos ambientais – matriz energética limpa, reserva de água doce, biodiversidade injeável – e não relegá-los a um plano inferior.

Em qualquer parte do mundo, a porta de saída da crise deve ser a mesma: reconstruir o modelo de negócios e o padrão de desenvolvimento baseado numa economia de baixo carbono, estimulando matriz energética movida por fontes limpas e renováveis. A chave está em aprender a aliar inovações tecnológicas com mudanças culturais.

Portanto, no caso brasileiro, devemos desistir de caminhar na contramão das propostas animadoras que têm surgido nesse novo período pós-crise.